

Cultura e dinheiro

O secretário de Cultura do Distrito Federal, Sílvio Tendler, pediu demissão. O governador Cristovam Buarque vai nomear outro titular, enquanto o antigo ocupante da Secretaria, cineasta consagrado, já tem emprego garantido na Unesco. O futuro secretário tomará posse, haverá novas brigas com PT e CUT, com artistas e agentes culturais e, possivelmente, também ele não dure até ao final do atual governo. E assim por diante, numa sucessão de secretários de Cultura do GDF que já vai se tornando rotineira e monótona.

Pode ser que muitos interpretem a nomeação de secretários da Cultura como assunto de rotina administrativa, sem maior repercussão na vida da capital da República. É possível que estejam certos. Mas esta é a primeira rotina que deveria ser alterada. Os secretários de Cultura do Acre ou do Rio Grande do Sul podem mudar de seis em seis meses, sem maior ressonância na vida nacional, mas Brasília é ligeiramente distinta de todos os Estados da

Federação. Aqui está uma cidade que é sede dos três poderes federais e um legítimo patrimônio cultural da humanidade, assim reconhecido pela Unesco.

A primeira condição quer dizer que Brasília é mais que um ponto geográfico no mapa do País. É um centro de conagração de todos os brasileiros, com seus diferentes usos e costumes, crenças, tradições e valores culturais. A Festa dos Estados, que só existe aqui, é uma prova disso. E a condição de patrimônio da humanidade impõe certas responsabilidades de ordem internacional, até agora colocadas em discreto segundo plano. Por tudo isso, e mais o turismo de eventos, a cultura em Brasília não é questão puramente "candanga", como pensam alguns, mas tem muito a ver com a cultura brasileira como um todo. E com os padrões internacionais de cultura do mundo contemporâneo.

Oxalá o governador leve isso em consideração ao encontrar o sucessor do competente Sílvio Tendler,

que alegou falta de recursos financeiros para não continuar à frente da Secretaria. Essa alegação é correta, mas sendo Brasília uma afilhada da Unesco seria a hora de lembrar àquela douda zeladora do patrimônio cultural da humanidade que a capital do Brasil também está arrolada entre os bens que devem ser resguardados pelas finanças internacionais, vale dizer, pelos banqueiros brasileiros, mas também pelos de Wall Street ou de Tóquio.

Essa falta de conexão internacional de Brasília com a cultura mundial é que tem sido a principal responsável pela falta de verbas para as iniciativas culturais da cidade. Pois é facilmente compreensível que, se depender do Orçamento do GDF ou da boa vontade da União - que não têm recursos nem para pagar os salários do funcionalismo local, a cultura em Brasília vai ficar eternamente sem dinheiro. E em eterno rodízio de secretários, por mais bem intencionados que sejam.